BELENENSES, 3 — SINTRENSE, 0

21-01-68

NÃO HOUVE "DEGOLA" PORQUE "INOCENTES" FORAM OS ATACANTES DO RESTELO

◆ Comentários de CARLOS NOGUEIRA

Jogo no Estádio do Restelo, em Lisboa.

Arbitro: Ismael Baltazar, de Setúbal.

BELENENSES — Serrano; Rodrigues («capitão»), Freitas, Cardoso e Esteves; Manuel José e Luciano; Fernando, Ernesto, Simões e Ramos.

Teinador: Manuel Oliveira.

SINTRENSE — Esteves; Valente, Vitor («capitão»), Pardal e Simões; Dias, Gomes Ferreira e Marques; Vicente, Licas e Marquitos.

Treinador: Rodrigues Dias.

Ao intervalo, 0-2.

Golos:

1-0, aos 6 minutos, por Ernesto.
2-0, aos 24 minutos, por Simões.
3-0, aos 62 minutos, por Simões.

NÃO «aconteceu» Taça no Restelo.

Nem sequer «aconteceu» futebol, adiantaremos já. Apenas três golos e pouco mais houve para dar um pouco de cor a este jogo de «boa harmonia» entre um Belenenses que está finalmente com a sua gente — a equipa foi recebida e despedida, «malgrée tout» com significativas ovações — e um Sintrense de ambições limitadas até pelos malfadados limites (valerá a pena insistir?...) em que a prova se disputa.

Os pupilos de Oliveira entraram no terreno aparentemente receosos da recepção que os seus adeptos lhes tributariam e trataram logo de se dirigir ao sector dos associados como que a prometerem que o fracasso de Alvalade pertencia ao passado e que tudo iam fazer para os deixar satisfeitos.

Mas os seus apaniguados encarregaram-se prontamente de os acalmar. Aplaudiram-nos com entusiasmo, revelando uma vez mais que estão perfeitamente identificados com o momento difícil que o clube atravessa.

Pazes feitas, satisfação geral e logo terá passado pela mente de certas pessoas a ideia de que se ia assistir a mais uma «degola de inocentes».

Era o que parecia realmente nos primeiros minutos. Belém foi para o ataque e ganhou dois «cantos». Depois Simões, isolado e sem qualquer oposição «desequilibrou» o corpo para trás e atirou por alto uma flagrante oportunidade de golo.

E no minuto imediato, 1-0. Em jogada de belo efeito espectacular, Ernesto teve um precioso toque com o calcanhar, dando a bola para Simões e continuou a correr. O n.º 10 «azul» esquivou-se com habilidade a um adversário e cedeu-a sobre a direita a Fernando que, com bela visão, a pôs nos pé do temível ariete belenenses, o qual no seu estilo felino e poderoso a remeteu para a baliza sem qualquer hipótese de defesa para o guardião contrário.

Os caminhos da vitória e da exibição estavam traçados e já não havia que enganar...

Um golo em 6 minutos, foi, porém, demasiado deslumbramento para os avançados da «casa» que começaram a ensaiar uma espécie de prova de «tiro ao alvo» rematando por tudo e por nada nas mais discutíveis posições e nas mais despropositadas alturas.

Por volta dos dez minutos Simões não deixou acabar uma bela jogada de colaboração com Fernando e Manuel José que merecia ter chegado a Ernesto como este bem colocado esperava. Quis ser ele a rematar e, sem angulo, atirou ao lado. Com isso contagiou o egoísmo aos seus companheiros, ao mesmo tempo que alertou a «superdefesa» sintrense, minuto a minuto mais confiante.

Em sucessivos golpes, Manuel José, Luciano e novamente Simões, foram experimentando a pontaria sem glória, nem proveito, para a equipa, contribuindo, ainda que involuntariamente, para desagregar o conjunto.

Os extremos, mal utilizados, começaram a misturar-se na zona frontal da área sintrense, precisamente onde a densidade de defensores visitantes mais dificuldades criava.

Deste modo o jogo foi perdendo clareza, caindo na toada incaracteristica que acabaria por durar até á conclusão da primeira parte.

O Sintrense, uma vez por outra, saiu do seu meio-campo em jogadas quase sempre iniciadas pelo homem de melhores pés da equipa, Gomes Ferreira. A reter a bola com a-propósito a furtá-la habilmente aos seus adversários, o médio visitante chamou a si a iniciativa dos contra-ataques, mas depressa se viu que também não seria por aí que o jogo melhoraria de nível. O desequilíbrio numérico entre os seus companheiros mais adiantados (Vicente e Licas) e o quarteto defensivo local matava cerce quaisquer veleidades, limitando-se Serrano a deter bolas mortas, passadas ou deixadas passar pelos seus defesas.

Aos 24 minutos, porém, surgiu o golo belenense. Um golo que espelhou bem a imagem da inépcia dos avançados do Restelo, porque não nasceu de qualquer jogada com princípio meio e fim, como fora a que deu o primeiro golo. Só «teve» fim: o guarda-redes visitante tinha a bola segura, depois de um decidido mergulho aos pés de Simões o qual ficou caído junto a si. Quando ia para se levantar deixou-a fugir, inexplicavelmente (a sua queixa de que fora atingido na mão não convenceu ninguém...), e Simões que se levantara não perdoou.

Remissão de Esteves

O golo não influiu em nada na melhoria da produção de jogo dos visitados. Continuou a inconsequência, manteve-se o egoísmo, persistiu-se na entrega «pessoal» da bola. Dignas de registo até ao minuto 45, apenas mais duas jogadas. Uma, concluída por Simões (34 minutos), com um bom remate a que Esteves respondeu com vistosa estirada, sem deter a bola, mas sem que surgisse a recarga.

A outra, essa sim, foi digna de ver-se e pena foi que não fosse repetida com a frequência que se impunha. Foi ainda Simões (o mais atrevido, que não o melhor neste período) quem começou o lance correndo pelo flanco direito e centrando largo para a zona frontal da baliza, onde Ernesto, elevando-se com presteza, a desviou, com a cabeça, para o canto superior mais distante de Esteves. No entanto, este, voando com decisão e oportunidade fez calar as gargantas que já gritavam golo. Belo lance, no vazio desta partida.

Viragem... para pior

Não exageramos se dissermos que o único facto digno de registo em toda a segunda parte foi o golo apontado por Simões. Foi pior (ainda) que a primeira.

Não se pode recusar aos jogadores do Restelo o desejo, continuamente expresso, de acertar o ritmo da sua exibição.

Correram, lutaram, suaram bem as camisolas (que na 2ª parte voltaram a ser do modelo anterior ao recentemente estreado), mas faltou-lhes alguém suficientemente «adulto» e ordenador para definir o sistema que mais interessava á equipa.

Nem o pronunciado incrustamento do M. José na linha avançada a par de Ernesto, nem o avanço ostensivo (e justificado) de Rodrigues, a actuar como se fora um médio de ataque, deram os resultados desejados. E o terceiro tento, surgido relativamente cedo nesta metade complementar, bem podia ter facilitado essa mutação. Foi aos 17 minutos que Simões, de cabeça e perante a apatia do defesa direito visitante, logrou dar conclusão acertada ao centro preciso e bem executado por Ernesto.

Foi toda de ataque intenso dos «azuis» esta segunda parte. Em actividade permanente, Luciano e Rodrigues fartaram-se de dar jogo á frente. Bem, o defesa direito. Pior, Luciano. Aquele solicitando os extremos, em especial Fernando, Luciano, a correr «quilómetros» com a bola para a entregar num metro aos companheiros.

Faz realmente pena ver este talentoso futebolista não encontrar o momento mais indicado para soltar a bola com proveito para a sua equipa. A sua própria morfologia lhe aconselha a rectificação dessa maneira de actuar, tanto mais que a condição física que exibe já está próxima da ideal. Já o vimos fazer belos jogos quando no Sporting de Braga e por isso supomos que é tudo questão de tempo e disposição.

Essa juventude...

Dois domingos seguidos longe do que em princípio se esperava, a equipa belenenses parece apostada em desmentir quantos admitiam estar ali a renascer uma grande equipa do futebol nacional.

Pela nossa parte cremos tratar-se apenas do reflexo da pronunciada juventude reinante no conjunto, que, ao que nos dizem, acerta plenamente nos treinos para oscilar com certo aparato nos jogos.

Na defesa não existem problemas.

Serrano não chegou a precisar de justificar a escolha, em detrimento de Gomes. Rodrigues acusa uma fase de notável confiança nos seus muitos recursos. Freitas esteve certo enquanto Esteves parece querer segurar com afinco a posição de defesa esquerdo.

No meio-campo M. José vai-se impondo embora mais lentamente do que seria de esperar das suas reais qualidades. De Luciano já falámos.

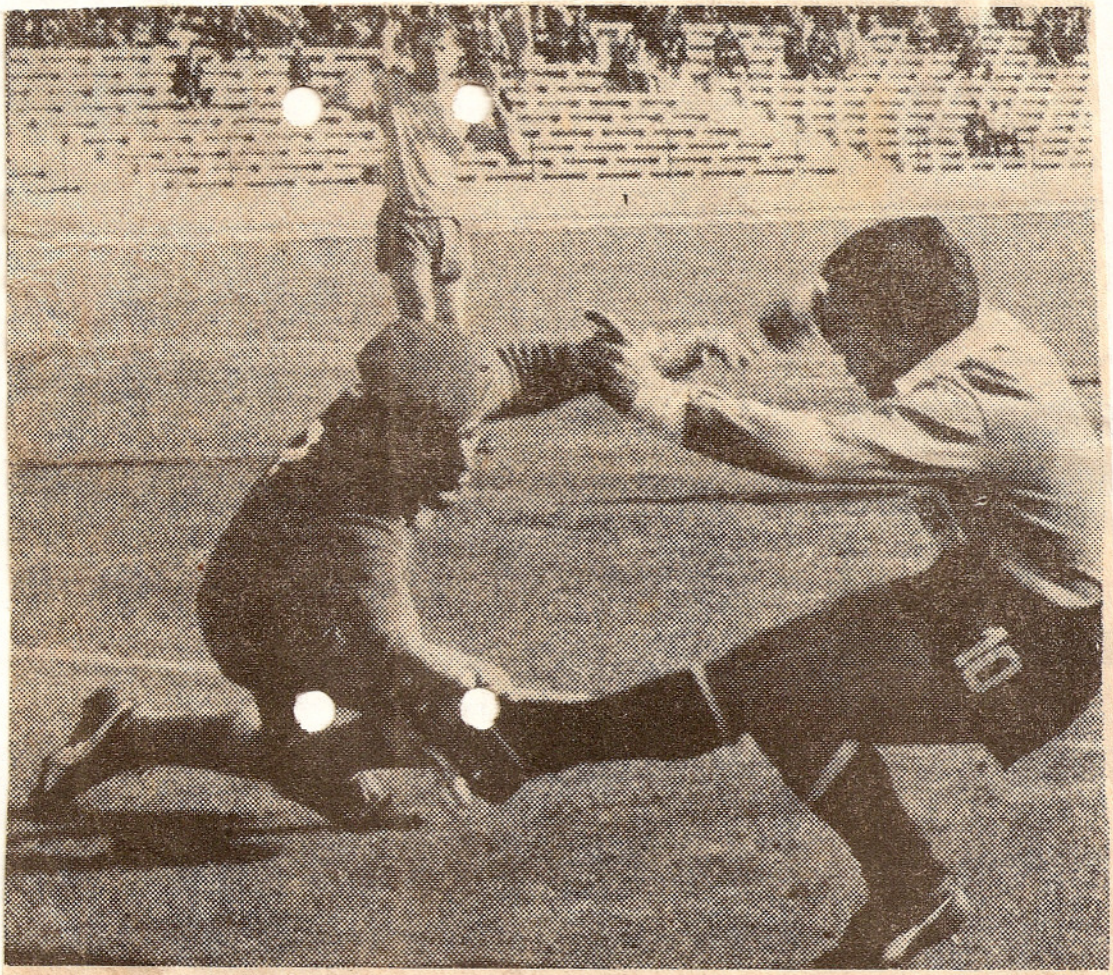
Na frente é que o irrequietismo da «miudagem» mais faz sobressair a ausência de um homem «de pulso» na equipa.

Há codícia e intuição em Fernando e Simões, mas um e outro têm que saber moderar o seu entusiasmo.

Eles sabem criar jogo e não precisam de o concluir porque para isso está lá Ernesto que chega e sobra para demolir uma defesa, embora ontem o poderoso dianteiro tenha estado por demais infeliz nesse aspecto. Mas foi o melhor, mesmo assim...

No Sintrense, não há nomes a distinguir, a não ser o de Esteves, só com o deslize do 2.º golo e de Gomes Ferreira pelo bom trabalho de pés que demonstrou. Os outros todos muito iguais em esforços e em vontade de contrariar a supremacia do antagonista.

A arbitragem certa do juiz setubalenses, que viu o seu trabalho facilitado pela correcção dos jogadores.



Explorando bem uma falha de Esteves, o n.º 10 belenense, Simões, obteve, deste modo, o 2.º golo da sua equipa